O percurso literário de Cyro dos Anjos em *A menina do sobrado*: a formação do escritor, influências e o Modernismo

The literary way of Cyro dos Anjos in *The two-story house girl*: the writer's formation, influences and the Modernism

Izaura Vieira Mariano de Sousa *

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo verificar como Cyro dos Anjos apresenta em seu livro de memórias: *A menina do sobrado*, a sua formação como escritor literário e as influências que teve até chegar ao movimento modernista mineiro, liderado por Carlos Drummond de Andrade. Através dessa observação, notaremos o quão importante essa escrita autobiográfica é para que se entendam as escolhas narrativas de Cyro como autor e a perspectiva do mesmo sobre um dos mais relevantes momentos literários de nossa literatura: o Modernismo, pois como afirma Helmut Galle, o espaço autobiográfico é um espaço privilegiado para observar esse diálogo entre o escritor, a sua época e as suas expectativas.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Memórias. Modernismo. *A menina do sobrado*.

Abstract: This article has the objective of checking how Cyro dos Anjos presents in his memories' book: *The two-story house girl*, his formation as a literary writer and the influences he had until he arrived to the modernist movement in Minas Gerais, led by Carlos Drummond de Andrade. Throughout this observation, we will see how important this autobiographic writing is so that we can understand Cyro's narrative choices as an author and his perspective about one of the most relevant literary moments of our literature: the Modernism, as Helmut Galle affirms, the autobiographic space is privileged to observe this dialogue among the writer, his time and his expectations.

Keywords: Cyro dos Anjos. Memories. Modernism. *The two-story house girl*.

Introdução

As memórias de um indivíduo, quando narradas, são impregnadas de impressões e reflexões a respeito de si mesmo, bem como de acontecimentos que nortearam o percurso da sua vida. A narração das memórias de um sujeito é delimitada pelas autofigurações do mesmo, isto é, a leitura que ele faz de si próprio, ou mesmo a leitura que ele deseja que os leitores façam dele. Helmut Galle afirma que “as histórias de vida são configurações intencionais que, muitas vezes, ajustam o passado conforme as necessidades do momento e que estão constantemente num processo de alteração.” (GALLE, 2006, p. 74). Como se vê, as memórias são ajustáveis às necessidades e às intenções autorais; em se tratando de escritores literários, a observação dessas intenções deve ser ainda mais trabalhada, já que estes autores detêm em sua escrita o domínio de técnicas narrativas e são conhecidos do leitor, característica que Philippe Lejeune intitulou de “espaço biográfico”:

O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz. [...] se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é consequentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é a sua própria história: falta-lhe, aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de *outros textos* (não biográficos), indispensável ao que chamaremos de “espaço autobiográfico”. (LEJEUNE, 2008, p. 23).

Em autobiografias de escritores da literatura brasileira, as percepções subjetivas são conduzidas por uma característica peculiar: os autobiógrafos aludem à sua formação literária em diversos momentos, assim como mostram a influência que a escrita literária teve em suas trajetórias. Em *A Menina do sobrado*, livro de memórias de Cyro dos Anjos, podemos ver de forma clara essa influência literária e a sua busca incessante pela escrita. A autobiografia, que se divide em duas partes, mostra-nos na primeira, “Santana do Rio Verde”, a sua origem, a sua cidade natal (nome fictício criado por Cyro para se referir a Montes Claros). Na segunda parte, “Mocidade, amores!”, observa-se o deslocamento de Cyro para a “cidade grande”, Belo Horizonte, e inseridas nela, as dificuldades, os amores da juventude, bem como os retornos à Santana do Rio Verde. Nesse contexto de trânsito entre as cidades, entre os amores e entre a escolha da profissão, encontramos um Cyro que busca a escrita. Em diversos momentos, o leitor de suas memórias percebe um autor que

procurou encontrar um caminho que lhe proporcionasse um contato com a literatura, pois o que ele queria “era emprego público, e ser literato” (ANJOS, 2011, p. 484).

Nesse sentido, notando as escolhas que o autor faz para se autofigurar na narrativa, é interessante notar o percurso literário, que por meio de muitas dificuldades, culmina em um Cyro escritor, amigo de Carlos Drummond de Andrade, e que, ao se tornar servidor público, acaba atrelado de maneira intensa às atividades de *ghost-writer*, tornando-se essencial ao poder público.

Para este trabalho, nos concentraremos no percurso do Cyro escritor na sua narrativa memorialística. Dando ênfase maior à segunda parte das suas memórias, observaremos o desejo pela escrita desde a juventude, o anseio pelo emprego público como solução para a dedicação à escrita literária e as influências da sua trajetória, como os amigos com que discutia literatura, com os quais se engajou na abertura de um jornal.

Pontuaremos também a forma como o Modernismo é situado na escrita autobiográfica e sua influência para o grupo mineiro, no qual Cyro se incluiu. Tais considerações tornam-se relevantes para o estudo da própria literatura, pois, através das influências e do percurso formativo do autor, pode-se tentar compreender algumas de suas escolhas narrativas e fazer associações com o período histórico e literário do qual ele fez parte, já que “a autobiografia literária transforma-se em conformidade com o pensamento da época em que foi escrita e responde às dúvidas surgidas apresentando novas técnicas narrativas.” (GALLE, 2006, p. 64).

1 A escrita literária em Cyro dos Anjos: leituras e influências

Percebe-se na autobiografia de Cyro dos Anjos a construção da autoimagem de um escritor que se delimita em um percurso desde a sua infância, passa pela adolescência e juventude até atingir a maturidade. Em *A menina do sobrado*, encontramos menções à escrita e à leitura durante toda a narrativa. Tal aspecto encontrado nas suas memórias não pode ser entendido como gratuito, pois a autobiografia de um escritor preza por figurações por ele escolhidas e devidamente construídas ao longo do texto.

Na primeira parte das memórias, vê-se que Cyro teve contato com a literatura desde a infância e que a cena de leitura é constante em sua vida, como a primeira cena narrada da leitura feita pelo seu pai em torno da mesa de pereiro-branco: “Só de raro em raro o pai abria mão dos enfadonhos e intermináveis minutos de leitura. Fazia questão de transmitir ao clã o que achara proveitoso nos livros mandados vir por intermédio de caixeiros-viajantes [...]” (ANJOS, 2011, p. 13). Ao longo das descrições e digressões feitas

pelo autobiógrafo a respeito das mudanças da sua cidade, da sua relação com os demais membros da família, da hierarquia estabelecida pela idade no seio da família e das histórias de Luísa Velha, a literatura é mencionada como parte integrante da sua formação intelectual e pessoal: “Cada estação da infância pede uma literatura específica [...]”. (ANJOS, 2011, p. 33). A escrita também é incorporada ao Cyro adolescente na sua contribuição para jornais e revistas da escola.

Com a mudança para Belo Horizonte na segunda parte do livro, a cena de leitura amplia-se e é mais aprofundada por um leitor/escritor que amadurece em torno desse contato literário. O autor de *O amanuense Belmiro* se constrói na sua narrativa como escritor que sempre conectou a sua própria experiência à influência de amigos que lhe fizeram refletir sobre a literatura. Cyro mostra a importância desses amigos para o seu próprio desenvolvimento literário. Observam-se ao longo da narrativa, inúmeras conversas entre Cyro e seus amigos Newton e Ari, com quem dividia o interesse pelas discussões literárias. O capítulo quatorze apresenta-nos a influência de dois amigos oriundos de Santana do Rio Verde, Zeca e Monzeca, que exerciam grande autoridade nas discussões do grupo e eram por todos respeitados:

Vendo-os de acordo, enfiamos a viola no saco. Tinham falado os Mestres! [...] Recordando os dois, fico a pensar na vasta, extensíssima família dos escritores que não escrevem e que partem sem nos deixar o seu pensamento às vezes tão rico, tão matizado. É melancólico observar que – enquanto se perde o fino pecúlio desses conversadores de café, companheiros de leitura meditada e opinião sagaz – circunstâncias malignas favorecem a proliferação de obras que nada trazem ao espírito e apenas servem para atravancar bibliotecas e livrarias, desorientando o consumidor literário. Não será absurdo admitir que muitos dos melhores livros estariam entre aqueles que não foram escritos: os que ficaram inéditos, perdidos em tertúlias de bar, ou conversas de esquina. (ANJOS, 2011, p 416-417).

Essas amizades, somadas às leituras de autores clássicos que Cyro menciona no decorrer da narrativa, compõem a elaboração da autoimagem do Cyro leitor e escritor. Reinaldo Marques afirma que “Outra operação importante da escrita autobiográfica de *A menina do sobrado* relaciona-se àquela abundância de alusões e citações literárias, artísticas e filosóficas.” (MARQUES, 2006, p. 106). As impressões e reflexões a respeito de autores, livros e formas narrativas permeiam a escrita da autobiografia de Cyro dos Anjos, fazendo parte da construção da autofiguração do Cyro escritor e leitor: “Desde os meus estudinhos de Santana, vinha-me exercitando na leitura de Corneille e de Racine.

Este, particularmente, me deslumbrava por atributos que eu não poderia isolar e definir.” (ANJOS, 2011, p. 317).

Cyro faz questão de salientar a sua preferência por uma escrita simples, sem muita exibição de maestria, como ele dizia encontrar em Racine: “Encantava-me o seu espontâneo encaixe naquela tessitura de palavras nítidas, simples e fluídas [...] não me agradavam as majestosas descrições, a pompa verbal, os expedientes retóricos de Chateaubriand.” (ANJOS, 2011, p. 317, 318). O autor dedica um capítulo à sua descoberta de Anatole France, mostrando como se deu a sua aproximação do escritor francês: “dicionário à mão, fui, devagar, penetrando no jardim do mestre.” (ANJOS, 2011, p. 435); o autobiógrafo expõe ao leitor que apesar de mais tarde conhecer as críticas feitas a Anatole, ele próprio estava definindo a sua rota de leitura, e o escritor francês sempre seria reconhecido por aqueles amantes maduros das letras.

Tais referências a escritores nos remetem ao fenômeno para o qual Marques chama a atenção: “autobiografar-se é também se constituir como leitor, apropriando-se do arquivo literário e cultural do Ocidente.” (MARQUES, 2006, p. 107). Em Cyro, essa apropriação não se restringe apenas à literatura. Em diversos momentos ele insere em sua narrativa músicos e artistas ligados a outras esferas que não a literária: “Eu me sentia só e triste. Aprendi com Chopin o deleite da tristeza.” (ANJOS, 2011, p. 381). Sylvia Molloy defende ser essa uma característica presente nas autobiografias hispano-americanas em que essas cenas constroem “a elaboração do eu e a cena de (des)leitura que com tanta frequência lhe serve de emblema, pois nessa cena se manifesta a diferença do escritor.” (MOLLOY, 2003, p. 20).

Essa retórica autobiográfica está presente em muitas das autobiografias de escritores. Como afirma Molloy, a construção do eu autobiográfico em memórias de escritores traz geralmente referências a cenas de leituras e escritas. É importante para o autor configurar-se como escritor a partir das influências obtidas como leitor, que delimitam a sua própria forma de escrever: “Os escritores de autobiografias hispano-americanos recorrem com frequência ao arquivo europeu em busca de fragmentos textuais com os quais, consciente ou inconscientemente, forjam suas imagens.” (MOLLOY, 2003, p. 19).

A segunda parte do livro, “Mocidade, amores!”, dá certo destaque à trajetória do Cyro apaixonado. O autor se apresenta como um Don Juan, que não possuía beleza exterior e geralmente era malsucedido: um “Don Juan, um dia isento de sensualidade, outro dia relesmente femeeiro – pobre Don Juan veleitário, quase sempre malsucedido” (ANJOS, 2011, p. 464). Percebe-se que ao mostrar ao leitor as diferentes paixões a que se entregou, Cyro as tematiza utilizando enredos da literatura: “Sentia-me semelhante ao herói de

Herculano. Presbítero desditoso, descia da atalaia, desesperando de Hemengarda e do seu amor.” (ANJOS, 2011, p. 374).

Não se desvencilhando da esfera de escritor, Cyro reflete sobre o amor de maneira poética, sempre o concatenando a romances e heróis consagrados da literatura ocidental:

Amar o amor, mais que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma, desde o *amabam amare* de Agostinho até ao romantismo moderno, é amar e procurar o sofrimento. [...] Sem reveses amorosos, não há romance: o amor feliz não tem história na literatura ocidental. O grande achado dos poetas europeus, que os distingue, antes de tudo, é a obsessão de conhecer, através da dor. (ANJOS, 2011, p 408-409).

Nota-se que o Cyro escritor está presente em toda a narrativa, sempre refletindo sobre os assuntos de sua vida sem deixar de lado a influência literária. Deve-se ressaltar que as memórias são fruto de um Cyro já amadurecido, que reflete sobre os acontecimentos e faz o recorte que lhe convém para elaborar a sua própria imagem. Entretanto, é visível a intenção do autor de destacar a sua formação enquanto escritor, tendo em vista as menções que o mesmo faz ao longo do texto, incluindo sempre reflexões que trazem perspectivas de diferentes autores e contextos literários, pois como Marques salienta: “representar a própria vida implica forjar um mosaico de alusões e citações do discurso do outro, em cujo espelho o autobiógrafo vê-se a si mesmo e a sua comunidade.” (MARQUES, 2006, p. 109). O outro em Cyro dos Anjos está também na literatura; ele constrói-se enquanto escritor no contato com outros escritores e obras.

2 O emprego público como uma possível solução para a dedicação à escrita

Com a chegada a Belo Horizonte para estudar, Cyro enfrenta a dúvida de qual carreira seguir, influenciado pelo gosto das letras:

A dúvida começava quanto à carreira a seguir. Das profissões liberais, nenhuma falava aos meus pendores. Tendia mesmo é para as letras, ofício suspeito, nada recomendável a quem busca meio de vida. Demais, as letras me tentavam antes como consumidor que como produtor. (ANJOS, 2011, p. 307).

Na sua autofiguração como escritor, Cyro parece trazer à tona uma problemática pertencente aos escritores da época: a literatura como meio de vida. Naquele contexto, era muito difícil encontrar algum escritor que vivesse só de literatura. Nas suas memórias, Cyro pontua isso através da sua própria reflexão e da fala de outros, como a do seu chefe na Companhia Usinas Nacionais, que põe em evidência o caráter “suspeito” do ofício da literatura: “tentou dissuadir-me do propósito. [...] Que eu refletisse. Jornal não dava dinheiro. Literatura muito menos. No comércio podia fazer-me rico. E, ficando rico, folga haveria para caprichos...” (ANJOS, 2011, p. 494). Como se vê, a literatura era tida como um “capricho” por parte de alguns.

Como se percebe, Cyro sempre mostrou ter interesse pela literatura, mas com a condição de estudante que precisava concluir os estudos e se sustentar em Belo Horizonte devido à difícil condição financeira da família, a literatura parecia ser um objetivo que se afastava cada vez mais. Apesar de conseguir certa estabilidade financeira com o emprego de caixeiro, o incômodo de Cyro com a sua situação naquele emprego o fez refletir e chegar à conclusão de que aquela função era incompatível com seu desenvolvimento intelectual, bem como com a sua intenção de envolver-se na escrita literária: “e literatura não era coisa de caixeiro. Abria o *Diário de Minas*, lia crônicas e versos de Carlos Drummond, de João Alphonsus, de Emílio Moura... Já não ousava pensar que, um dia, talvez pudesse abeirar-me deles no Estrela.” (ANJOS, 2011, p. 491). Cyro decide então largar a Companhia, dedicar-se à escrita em revistas e jornais e seguir o que dizia ser o seu gosto maior: a literatura “Para ganhar a vida, pretendia formar-me em direito e, para entretê-la, continuar rabiscando tolices que vinham à cachola. Gosto, mesmo, só tinha por literatura.” (ANJOS, 2011, p. 495).

Para perseguir o seu objetivo de “continuar rabiscando tolices” e ter o “prestígio de literato”, Cyro se lança na tentativa de escrever para jornais para satisfazer o seu impulso de escrever: “Pouco ou nenhum interesse tinha pela política. O que me atraía era o exercício jornalístico em si mesmo, e só até ao ponto em que satisfazia o meu impulso de escrever.” (ANJOS, 2011, p. 505).

Diversas foram as tentativas de Cyro de enveredar-se pela escrita jornalística. Sempre enviando artigos para a revista *Sentinel*, Cyro via nessa atitude uma forma de manter o prestígio de literato, porém essas contribuições nunca lhe trouxeram reconhecimento e condições de sustento. Outra tentativa que falhou foi a empreitada que ele e seus amigos se propuseram: a de fundarem um jornal, em cuja redação Cyro trabalharia: “O jornal vai mesmo sair. Preciso de um secretário de redação. [...] A rapaziada deu tudo de si. [...]. Não obstante, o nosso *Diário* passou praticamente despercebido, à semelhança de vários que o antecederam.” (ANJOS, 2011, p. 492-498).

Todos esses infortúnios em torno das tentativas de firmar-se na escrita jornalística só serviram para corroborar a ideia que Cyro tinha de assegurar-se em um emprego público, que lhe proporcionaria a possibilidade de obter o seu sustento, assim como de dedicar-se à escrita: “Não queria banco nem companhia. Queria era emprego público, e ser literato, estudante, girar, na rua, a minha bengalinha, de castão de prata, como Newton, Zeca, Levi, Alkmim, Juscelino.” (ANJOS, 2011, p. 484).

Essa ideia do emprego público como solução para a vida profissional de diversos escritores no Brasil é citada por Marques como presente nas autobiografias de escritores mineiros como forma de “justificar, legitimar, ou mesmo problematizar a vinculação de muitos ao emprego público, ao aparelho do Estado.” (MARQUES, 2006, p. 105). O funcionalismo público tornou-se comum entre escritores de todo o Brasil, como Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e outros, pois era o caminho mais seguro para que o intelectual exercesse o seu papel de escritor, tendo como garantia o amparo de um emprego mais estável. Para Cyro dos Anjos, a imersão no emprego público foi uma via de mão dupla, já que a princípio solucionou o seu problema de sustento e abriu o caminho para a escrita literária, porém, ao longo do tempo, prendeu Cyro no que ele mesmo chamou de “algemas do birô”, para se referir ao emprego estatal.

O poder estatal abriu-se para Cyro por meio da Secretaria de Finanças e representou o fim de sua insegurança financeira:

Terminaram três anos de insegurança, três anos de vexames e apuros, vividos desde quando eu desembarcara do fumarento trenzinho da Central, na segunda investida sobre Belo Horizonte. Acima de minha cabeça estendera-se, amplo e poderoso, o pátio da Secretaria de Finanças. Seus alicerces altos, da soberba cantaria, suas grossas paredes, suas pesadas portas e janelas, protegiam agora o meu débil ser. O poder estatal acolhia-me no farto seio. (ANJOS, 2011, p. 521).

Ao que parecia, o emprego tão almejado traria a Cyro a desejada estabilidade intelectual com a qual ele daria prosseguimento ao ofício de escritor. Todavia, o leitor de *A menina do sobrado* se depara ao final das memórias com um desfecho em que, mais que acolher Cyro em seu farto seio, o poder estatal o envolve de maneira quase que irreversível. Após a revolução de 30 e as suas consequências para o estado mineiro, Cyro é requisitado para ser o amanuense-redator do novo Secretário de Finanças, que a essa altura estava envolvido em questões políticas. Cyro assume então o papel de cuidar da correspondência do Secretário com prefeitos e chefes políticos, e se vê imerso em uma esfera de leituras e

respostas de cartas. Mesmo com a mudança de Secretários mais à frente, Cyro permanece no cargo devido à sua grande habilidade com a escrita:

Titulares sucessivos me convidavam a permanecer no posto e fui ficando. Conhecia sofrivelmente a maligna arte de escrever. Tornara-me necessário ao Estado. Começara para mim, a vida de *ghost-writer*, pobre vida em que, com desencanto e desalento, eu iria consumir os pobres dos meus miolos. (ANJOS, 2011, p. 582).

A dedicação à escrita passa a ser priorizada na esfera do serviço público. A habilidade com que Cyro escrevia o prendeu ao Estado, o que se torna um paradoxo, já que Cyro queria estar ligado ao estado para poder desenvolver mais a escrita literária. Mesmo com toda essa reviravolta na trajetória de Cyro, ele não se desprende da literatura, mas justifica a sua pouca produção literária por essas amarras que o Estado lhe imputou. Em um dos capítulos mais reflexivos das suas memórias, Cyro faz considerações a respeito do tempo que o *birô* (metáfora para o emprego público) lhe furtou da experiência literária. Cyro se questiona se o *birô* deve ser maldito ou não por esse tempo roubado:

Agora, no fim da viagem, devo lamentar o tempo furtado ao escritor por essa atividade dispersiva, quase sempre vã, que fazia descer sobre os meus dias uma nuvem gris, de frustração e melancolia? [...] Mas por que maldizer o *birô*? Talvez devesse até bendizê-lo. No mínimo, forneceu, ao escritor menor, argumento com que justificasse sua esterilidade. (ANJOS, 2011, p. 586).

Como se observa, Cyro, em um exercício de autojustificação, alega que o fato de ter se envolvido no poder público não modificaria a circunstância de que não possuía talento para produzir uma obra maior. No capítulo trinta e nove, vemos um Cyro que se questiona enquanto escritor, bem como questiona a funcionalidade da escrita literária. Ao dialogar com o que ele denomina espelho, somos levados a conhecer o motivo da escrita das memórias. Encontramos um memorialista-escritor que procura problematizar a sua própria escrita, e questionar a finalidade da mesma. Como ao longo da obra, o leitor se depara com um narrador que não consegue se eximir de pensar a própria arte literária, esteja ela relacionada ao amor, às dificuldades da vida ou ao fim dela própria:

– Memórias! Bom ofício para quem perdeu o ímpeto criador. Não as líquidas. Continua escrevendo-as... Olha, há memórias que são pura delícia. Finas, penetrantes, umas; suculentas, copiosas, outras. Não tente imitá-las. Não tens, para ofertar ao leitor, a intimidade rica de um Stendhal, nem os rasgos de um Chateaubriand ou os talentos de um Rousseau. [...]

– Por que, então, escrever?

– Em certos indivíduos, não muito normais, escrever é compulsão, programação genética. Extravagância da espécie. (ANJOS, 2011, p. 586-587).

A resposta do espelho para o escritor parece dar uma explicação do motivo pelo qual se exerce a escrita. A escrita é associada a um impulso de alguns indivíduos. As memórias seriam então, uma tentativa de satisfazer esse impulso; entretanto, como elas tratam da vida do próprio autor, seriam um bom exercício para quem perdeu a criatividade. Ao que parece, o memorialista tenta esclarecer o motivo de escrever memórias e não uma obra ficcional. Galle argumenta que a escrita autobiográfica traz ao escritor a possibilidade de tentar compreender o seu próprio desenvolvimento. Essa pode ser uma das possíveis leituras de *A menina do sobrado*: somos expostos a um escritor que, ao narrar as suas memórias, tenta entender o seu percurso como indivíduo, mas também a sua formação como escritor, refletindo assim sobre as escolhas realizadas na elaboração da sua escrita e nas influências que ele teve: “a narração tem servido particularmente para integrar os episódios dispersos e os contingentes contidos na formação de uma vida.” (GALLE, 2006, p. 71).

3 O modernismo em *A menina do sobrado*

Como já mencionado anteriormente, a escrita autobiográfica é impregnada pelo discurso do outro. É um engano achar que nas memórias de uma pessoa só se encontrará a sua história e as suas interpretações. Conforme já discutido, nas memórias de Cyro dos Anjos encontramos um movimento de apropriação de inúmeros discursos literários e as influências que Cyro teve na sua construção enquanto leitor e escritor.

A subjetividade está diretamente ligada à coletividade na escrita memorialística e essa junção pode ser vista claramente por meio de relatos e da tentativa de situar histórica ou socialmente fatos, eventos ou movimentos de alguma parte da sociedade. Para Jeanne-Marie Gagnebin, “O eu particular pode falar de si mesmo porque recolhe dentro de sua

história a dimensão de uma *experiência* que ultrapassa a sua mera individualidade.” (GAGNEBIN, 2009, p. 139). Podemos enxergar essa memória que ultrapassa a individualidade na escrita de *A menina do sobrado* no que concerne à sua narração sobre o movimento modernista brasileiro.

Cyro incorpora em sua narrativa os desdobramentos do movimento modernista sob uma perspectiva peculiar de sua imersão no grupo, bem como a integração tardia do grupo mineiro no movimento liderado pelos paulistas. É interessante notar que, a princípio, Cyro ouvia algumas coisas sobre o movimento, mas de forma distante, pois ele não sabia ao certo do que se tratava:

O quebra-quebra literário, iniciado em 22, formara a sua coluna, para, em escaramuças intermitentes, destroçar parnasianos, neoparnasianos e simbolistas, atirados todos na vala comum do passadismo.

Rapazinho chegado do interior, eu tinha os olhos voltados para as moças e para os divertimentos, não para as instituições. Aquele mundo em franca ebulição parecia-me estável, imune a transformações, firmemente embutido na rocha das minas. (ANJOS, 2011, p. 366-367).

Como se observa, o Cyro jovem, recém-chegado do interior, já ouvia falar do movimento, sem, contudo, entender exatamente o que se passava. Ainda assim, Cyro ressalta, capítulos antes de narrar a sua entrada no grupo mineiro modernista, saber da existência deles, mas como algo distante e inatingível:

De coisas literárias pouco sabia eu, além do que se falava em Bernardo Guimarães 1200, ou na caminhada noturna da praça ao Bar do Ponto. A roda do Arthur e a do Newton subestimavam a importância do recente movimento que, irrompido, abria caminho. Fiel a uma e outra, eu me embevecia, ainda com os *Sonetos antigos* do Abgar Renault, quando o querido poeta havia abjurado já o passadismo, trocando o metro e a rima pelo verso livre e pela nova temática. Filiara-se ao grupo que armara no *Diário de Minas* a sua catapulta. Tão mal informado andava eu acerca dos futuristas – assim lhes chamava então [...]. Em 1925, iríamos encontrar no Café Estrela os rapazes da *Revista*. Em 1924, eu não tinha sequer certeza de sua existência física; para mim, viviam no empíreo, não em minha humilde esfera de colaborador da *Sentinela de Santana*. (ANJOS, 2011, p. 372-373).

A integração de Cyro ao grupo foi uma questão de tempo. No capítulo quinze, vemos Cyro e os amigos indo ao Café Estrela para ouvir os “rapazes da *Revista*” (grupo mineiro liderado por Drummond), e, ainda que de forma distante, progressivamente, o interesse em juntar-se aos *inconformistas* foi crescendo. Se *a priori* Cyro não sabia nem ao certo distinguir os componentes do grupo “não conseguíamos distinguir qual deles era o Carlos Drummond – se o magro, de óculos e de fala incisiva, lacônica, ou aquele outro não menos magro” (ANJOS, 2011, p. 424), tampouco o nome do movimento “o futurismo, como então designávamos o movimento que, àquela altura preferia intitular-se *modernista*” (ANJOS, 2011, p. 421), tal ignorância foi erradicada, pois futuramente Cyro se tornaria parte integrante do grupo e amigo íntimo de Carlos Drummond de Andrade.

Apesar de Cyro e os amigos frequentarem o Café Estrela em 1925 e encontrarem com os “rapazes da *Revista*”, sua influência não se deu de forma imediata para eles, já que em Belo Horizonte o movimento modernista foi “discreto, fez-se em surdina, pois a ordem mineira, pesada e conservadora, não apreciava badernas, ainda que literárias.” (ANJOS, 2011, p. 545).

Entretanto, três anos mais tarde, já em 1928, Cyro e os amigos entram em contato com o grupo liderado por Drummond para pedir colaboração para a revista que eles estavam escrevendo – *Cidade Verde*. Apesar dos modernistas mineiros prometerem colaborar, a intimidade não foi naquele momento fortificada. Entrementes, por meio de um imprevisto, Cyro dos Anjos é indicado para substituir provisoriamente um dos repórteres no *Diário de Minas*. Dessa forma, Cyro instaura-se no “QG do Modernismo”, nomeação que ele mesmo dá ao jornal que reunia os principais modernistas de Minas Gerais: “Assim, quando menos esperava, dei comigo, de súbito, no próprio quartel-general do modernismo mineiro.” (ANJOS, 2011, p. 549).

A perspectiva que Cyro apresenta do modernismo mineiro é interessante, pois além de apresentá-lo como um modernismo tardio, ele assegura que o grupo não levava a sério o próprio movimento no qual se engajara e que só havia travado relações com a vanguarda paulista em 1924, quando da sua visita à capital mineira. Pela forma como Cyro nos apresenta o desdobramento do movimento mineiro, vê-se que o grupo de Belo Horizonte não tomou a iniciativa com o mesmo ímpeto que o grupo paulista. Cyro ressalta o caráter democrático desse quartel que, apesar do nome, não exibia nenhum tipo de hierarquia:

Nesse quartel-general, observei, com surpresa, que não só não se discutiam planos, estratégias ou táticas, mas nem sequer havia comando, hierarquia. Tal como o zombeteiro João Alphonsus, Carlos Drummond, que jamais aceitou o bastão de chefe, muito se divertia com aquilo que se passava nos outros arraiais modernistas do país, já

então divididos – alguns, a renegar o movimento; outros, a tentar teorizá-lo, dar-lhe conteúdo; e a maioria, a brigar no próprio terreiro, manifesto para cá, manifesto para lá. Mineiramente, o grupo mineiro se encolhera, para só depois, a partir de 1930, sair das encolhas, já com livros nas mãos. (ANJOS, 2011, p. 549).

O leitor de *A menina do sobrado* tem em suas mãos um histórico do movimento modernista sob a perspectiva de um de seus componentes, que destaca a feição *sui generis* que o grupo de Belo Horizonte integrou à sua própria composição do movimento. Um modernismo que, ainda que transgressor de estéticas vigentes, ocorreu de forma mais cautelosa.

A autobiografia compõe-se enquanto elaboração da autoimagem em concordância com a leitura que o autobiógrafo faz da história cultural e social a qual pertence. Jürgen Straub afirma que “tramas culturais canalizam o nosso entendimento sobre o nosso *eu* e sobre o mundo, e, portanto, também o nosso entendimento sobre as possibilidades que temos de certa forma de estabelecermos relações com o mundo e com nós mesmos”. (STRAUB, 2009, p. 90). As relações estabelecidas entre Cyro e o movimento modernista, o qual ele mesmo havia criticado enquanto colaborador da revista *Sentinela de Santana* anos antes, foram essenciais para a formação do Cyro escritor. A influência do Modernismo para Cyro não esteve no movimento por ele mesmo, mas veio dos autores com que passou a conviver intensamente e que também foram responsáveis pela composição do Cyro narrador e escritor a que somos apresentados:

Na verdade, eu não me engajava naquele movimento já a desintegrar-se: seguia a Carlos e João, sob o fascínio da poesia de um e os encantos da prosa do outro, ricas, originais, mensageiras ambas de uma novidade autônoma, que nada, em substância, devia às inspirações ou aos mandamentos do sectarismo literário. Uma adesão, portanto, a pessoas, não a princípios. (ANJOS, 2011, p. 553).

O olhar do movimento modernista mineiro nas memórias de Cyro dos Anjos é delimitado pelas pessoas que dele fizeram parte e suas obras, e não por princípios defendidos. O que Cyro apresenta ao seu leitor é um “entendimento sobre o *eu*” pautado nas relações de admiração de obras e pessoas, já que “sua história só se torna digna de relato quando perde seu caráter exclusivamente privado e se transforma no relato de um passado que não lhe pertence em particular, mas que também pertence aos outros.” (GAGNEBIN, 2009, p. 139). A história de Cyro, principalmente se observarmos a sua

trajetória literária, não pertence só a ele; fez-se com ele e com outros que de maneira significativa o influenciaram. Pode-se afirmar ser uma história “digna de ser contada”, não só para o conhecimento maior de sua vida, mas para a compreensão de um período histórico-literário de extrema relevância para a literatura nacional.

Conclusão

Conforme já discutido anteriormente, a escrita autobiográfica de um escritor traz em si características inerentes à sua formação literária. Nas memórias de Cyro dos Anjos, tal particularidade é visível ao longo de toda a narração, que prioriza aspectos relativos à escrita por meio de discussões literárias entre amigos, leituras realizadas ao longo da vida e a tentativa de se estabelecer profissionalmente com a finalidade de se dedicar ao ofício das letras.

A menina do sobrado nos mostra um Cyro que se autorrepresenta por meio das influências literárias com as quais constrói a sua autoimagem. Somos apresentados a um jovem que chega a Belo Horizonte, que lê, que conversa com os amigos sobre literatura, que se autodenomina “Don Juan veleitário”, que almeja o funcionalismo público para se dedicar à escrita e que se insere no âmago do movimento modernista mineiro.

A estrutura narrativa de *A menina do sobrado* é permeada por escolhas feitas pelo seu autor, com uma finalidade por ele designada. Ainda que não conheçamos plenamente as intenções do escritor para a elaboração das suas memórias, não se pode ignorar que dentro do contexto de mudança espacial (de Santana do Rio Verde para Belo Horizonte), assim como nas descrições dos amores (partindo de Priscila, a namorada de Santana, e até se casar com “a menina do sobrado”, a quem dedica o nome do livro), Cyro não exclui da sua escrita autobiográfica a reflexão literária, seja com a citação de autores ou obras, ou mesmo com a reflexão sobre a sua escrita, como ocorre no capítulo em que dialoga com o espelho.

O estudo da obra memorialística de Cyro dos Anjos torna-se imprescindível para o melhor entendimento da sua própria trajetória, bem como para uma maior compreensão do momento vivido por ele e o grupo modernista mineiro, e suas contribuições para a literatura brasileira. Portanto, estudar a autobiografia de escritores, neste caso mais especificamente a de Cyro dos Anjos, é uma forma de desenvolver ainda mais o estudo da literatura, pois o espaço autobiográfico é um espaço privilegiado onde se entrelaçam vida, obra e história.

Referências

ANJOS, C. *A menina do sobrado*. São Paulo: Globo, 2011.

GAGNEBIN, J. “Entre moi et moi-même” (Entre eu e eu-mesmo, Paul Ricoeur). In: GALLE, H. et al (org.). *Em primeira pessoa*. Abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009, p. 133-139.

GALLE, H. “Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica”. In: *Matraga*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 18, p. 64-91, 2006.

LEJEUNE, P. “O pacto autobiográfico”. In: _____. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 13-47.

MARQUES, R. “Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos”. In: JOBIM, J. L. et al (org.). *Lugares dos discursos literários e culturais*. O local, o regional, o nacional, o inter-nacional, o planetário. Niterói: EdUFF, 2006, p. 93-111.

MIRANDA, W. M.; SAID, R. Prefácio. In: ANJOS, C.; ANDRADE, C. D. *Correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

MOLLOY, S. “Introdução e A autobiografia como história: uma estátua para a posteridade”. In: _____. *Vale o escrito*. A escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó: Argos, 2003, p. 13-26 e 222-254.

STRAUB, J. “Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa”. In: GALLE, H. et al (org.). *Em primeira pessoa*. Abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009, p. 79-98.

IZAURA VIEIRA MARIANO DE SOUSA

Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. E-mail: izauramariano@yahoo.com.br.